

CONTOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN: UMA ABORDAGEM DOS VALORES SOCIAIS EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

EDSON BARBOSA PONTES¹

Universidade Federal da Paraíba

ALESSANDRA DE CARVALHO BARBOSA²

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Este trabalho exporá a riqueza de contos de Hans Christian Andersen – *O Menino Malvado*, *O Patinho Feio*, *A Vendedora de Fósforos* e *A Roupas Nova do Imperador* – como instrumento para trabalhar a Língua Portuguesa e para promover a reflexão e a prática de valores sociais dentro e fora da sala de aula da Educação Básica e como o docente alcança os objetivos pretendidos quando utiliza textos literários dotados de ensinamentos. O aporte teórico foi dado por Abramovich (1994), Bettelheim (1996), Cândido (1995), dentre outros. Concluímos que atividades com leitura e com escrita aproximam os alunos à língua e desenvolvem competências pessoais e profissionais.

Palavras-chave: Contos de Andersen. Língua Portuguesa e Literatura. Escola. Valores.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna vem passando por inúmeras transformações. Vivemos em um mundo imperado pela falta de respeito, de diálogo, de afeto, de valores sociais ao bom convívio entre as pessoas.

Hoje, as crianças não mais interagem entre si, limitando-se a jogos de computador, de *tablets* e de celulares. O trabalho mantém os pais ocupados e não sobra tempo para se dedicarem aos seus filhos, transferindo à escola a responsabilidade de educar as crianças.

Ao longo do tempo, boa parte da humanidade esqueceu seus valores e suas referências, e muitos consideram a ética como ultrapassada e desinteressante, principalmente se estamos falando de formação educacional do século XXI. Fomos, no decorrer da História,

¹ Graduado em Pedagogia pela UFPB; especialista em Supervisão e Orientação Educacional pelo CINTEP; graduando em Licenciatura Plena em Letras pela UFPB; supervisor pedagógico no SENAC; palestrante nas áreas de Pedagogia e de Letras.

Contato: ed_bartes@hotmail.com

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UFPB; especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela UFPB/FUNESO/IBRAED; mestranda em Letras pela UFPB; graduanda em Bacharelado em Direito pelo UNIPÊ; docente na rede pública de Santa Rita/PB e na rede privada de João Pessoa/PB; corretora de trabalhos acadêmicos e científicos; palestrante nas áreas de Letras e de Direito. Contato: ale_carvalhobn@hotmail.com

conduzidos por ideologias que invertem a escala de valores, sendo um grande desafio o resgate desses elementos tão importantes para a formação do indivíduo.

Dessa forma, a instituição educacional se vê sobrecarregada para formar as crianças e os jovens, dando-lhes bases de conhecimento propriamente dito e de como conviver em sociedade, chegando a ensinar noções básicas de respeito que já deveriam ter sido aprendidas em casa, com a família.

Entretanto, outro problema se instaura: há a ausência de projetos na maioria das escolas brasileiras que busquem o trabalho com os valores, com a cidadania e com a ética em sala de aula, além de haver uma grande dificuldade de os profissionais da Educação buscar capacitação e formação continuada, a fim de terem contato com novos estudos, novas pesquisas e novos pensamentos de como deve ser o ensino nas escolas a partir das inovações observadas no cenário mundial.

A consequência disso é a observação de educadores atrasados, com metodologias tradicionais, causando, nas crianças, principalmente, traumas e dificuldades de aprendizagem, como se pode perceber com o alto número de evasão e de repetição escolar.

Para a vida comum, tal cenário também traz conflitos; a falta do ensino de valores na escola repercute em toda a sociedade. Muitas das causas que assolam a humanidade estão na negação da existência de deveres e de direitos como suporte e como inspiração para o desenvolvimento integral do potencial individual e social. A vivência dos valores alicerça o caráter e este é refletido na conduta como uma conquista da personalidade.

Estamos vivendo tempos críticos e de desesperança, em um mundo conturbado pela falta de respeito pelo próximo e pela alta violência. O ser humano está se tornando insensível em meio à tanta crueldade; os fatos tão corriqueiros acabam por ser esquecidos. A família está desacreditada. A escola, enquanto instituição, sofre, inevitavelmente, com esta realidade.

Pensando nisso, surgiu o desejo e a necessidade de trabalharmos a seguinte temática: **Contos de Hans Christian Andersen: uma abordagem dos valores sociais em sala de aula da Educação Básica.** Tentou-se abordar, dentre outras, as questões das aparências, da ética, do respeito mútuo, da socialização e do consumismo, usando a Literatura Infantil como ferramenta indispensável para atingir os corações desses pequenos leitores e despertar, desde a tenra idade, a necessidade de valorizar o outro pelo que ele é, e não pelo que possui.

A escolha do título se justifica por meio da diminuição da utilização de textos literários em sala de aula, sobretudo nos anos iniciais da Educação Básica, e pela alta discussão em torno do ensino de língua materna no Brasil, refletindo sobre como realizá-lo,

otimizá-lo, de que forma o docente pode mediar o conhecimento e o aprendizado em sala de aula, utilizando textos literários.

Além disso, quando o ensino contextualizado é praticado em sala de aula, o avanço alcançado é ainda maior: os alunos aprendem a língua, utilizam a criatividade na elaboração de textos, aprimoram o hábito de leitura, conhecem histórias inesquecíveis, desenvolvem a autoestima, por estarem entendendo e utilizando melhor o seu e outros dialetos, tornando-se cidadãos críticos.

Nossa hipótese é afirmar que os contos de Hans Christian Andersen (1805-1875) são fontes valiosas para se trabalhar a ética e outros valores sociais em sala de aula.

A metodologia utilizada na coleta, na análise e na discussão dos dados, quanto à abordagem da natureza metodológica, foi a forma qualitativa, já que os trabalhos foram analisados na perspectiva do tema proposto. O método de abordagem foi o hipotético-dedutivo, pois saímos da hipótese para verificar, na prática, se a ideia inicial estava correta.

O procedimento técnico se deu através de pesquisa bibliográfica e de campo. Com relação ao objetivo do trabalho, a pesquisa se inseriu em um caráter explicativo e descritivo.

Sendo assim, o objetivo deste artigo científico é expor a riqueza dos contos de Hans Christian Andersen (1805-1875) – *O Menino Malvado*, *O Patinho Feio*, *A Vendedora de Fósforos* e *A Roupa Nova do Imperador* – como instrumento de reflexão e de prática de valores sociais dentro e fora da sala de aula e como o profissional em Educação alcança os objetivos pretendidos quando utiliza um texto literário dotado de ensinamentos para a vida comum.

Tal comprovação deu-se por meio de um trabalho desenvolvido em uma turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública pessoense, durante o mês de abril de 2014.

O aporte teórico foi dado por Abramovich (1994), Brasil (1996; 1998; 2011), Cândido (1995), Pauliukonis (2013), dentre outros, por serem estudiosos preocupados com o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, valorizando a Literatura Infantil como uma fonte de riqueza para se trabalhar bons textos.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma:

No segundo capítulo, faremos uma breve reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, com ênfase na Literatura Infantil, mostrando a importância da leitura para a formação de valores na criança e o papel do educador para a formação de valores indispensáveis às crianças. O terceiro capítulo será composto pela metodologia da pesquisa, além de apresentarmos a sequência didática desenvolvida e a análise dos dados. O

quarto capítulo trará as considerações finais, recuperando todo o exposto neste trabalho. Por fim, o quinto capítulo trará as referências que respaldaram a pesquisa.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA

Este item apresenta algumas reflexões acerca de como está sendo o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, trazendo observações a partir de como o docente planeja e executa suas aulas, o que ele prioriza, como a escola reconhece os alunos, propondo algumas mudanças urgentes, a fim de que o ensino de língua materna seja de qualidade e que não assuste os alunos, mostrando a importância da leitura para a formação de valores na criança.

Nesta perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura deve acompanhar os estudos e as descobertas quanto ao trabalho com gêneros literários e discursivos. Estudiosos da língua questionam, por exemplo, o modelo de ensino de gramática de Língua Portuguesa adotado nas escolas brasileiras. Criticam o ensino centrado no que é certo ou no que é errado e expõem a fragilidade do ensino voltado às regras gramaticais.

Para eles, deve-se ensinar a norma culta como uma habilidade, demonstrar aos alunos a possibilidade de ajustar o registro de fala, de acordo com a situação discursiva, sempre utilizando textos, e não ficando à *mercê* do ensino imposto pela Gramática Tradicional.

Conforme afirma Pauliokonis (2013),

Talvez um dos maiores desafios para o ensino de língua, enfrentados hoje pela escola, seja articular o conhecimento gramatical, cujo conteúdo se assenta em um consenso, com a necessidade de aprimorar a capacidade de ler e produzir textos que se mostrem coerentes com a competência textual e discursiva do aluno, cada vez mais exigida pela sociedade do conhecimento. (PAULIUKONIS, 2013, p. 239)

Cabe ao docente conhecer e escolher a melhor forma de ensinar a gramática e a língua materna, utilizando metodologias adequadas para cumprir com as habilidades e com as competências necessárias ao desenvolvimento dos alunos como pessoas e como profissionais.

Deve, o educador, pautar-se em documentos oficiais que regem sua conduta dentro e fora da sala de aula, pois esses já trazem concepções teóricas voltadas ao texto e ao ensino interacional, seja na elaboração e na execução das aulas, seja na criação e na correção de avaliação.

São exemplos desses documentos os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, que tratam da língua em seu uso, englobando, tanto o oral, quanto o escrito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996), o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2011), o SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, que explica como elaborar questões de provas, e o PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, que discorre sobre os manuais de ensino.

Tais documentos corroboram todas as ideias refletidas neste trabalho, já que todos partem da premissa de que a escola deve direcionar o ensino a partir de textos, literários e discursivos, fazendo com que os alunos adquiram as habilidades e as competências necessárias para a vida pessoal e profissional, não apenas no campo do conhecimento em si, mas na formação enquanto cidadão, detentor de direitos e de deveres.

Se pegarmos a LDB (BRASIL, 1996), por exemplo, perceberemos que a formação básica do cidadão é o ponto de partida e, logo no primeiro artigo, vê-se a importância da leitura e da escrita como ensino por excelência. Afirma o documento:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da **capacidade de aprender**, tendo como meios básicos o **pleno domínio da leitura, da escrita** e do cálculo;

II – a **compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade**. (BRASIL, 1996, p. 22, **grifo nosso**)

Observa-se a importância que o documento dá ao vocábulo “aprender”; não se trata de **decorar**, de **gravar**, de **fixar**, mas representa algo complexo, completo, com significado. Aliado ao aprendizado, que é, na verdade, uma consequência, a LDB (BRASIL, 1996) coloca a leitura e a escrita como meios para se alcançar o entendimento da política, da sociedade, da tecnologia, das artes.

Acerca da Literatura em sala de aula, afirmam os PCN (BRASIL, 1998):

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de

reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 30)

Não é utilizar o texto como pretexto, mas trabalhar, não somente a forma, mas também o conteúdo, dando aos alunos a oportunidade de se apropriar da língua e de refletir sobre variados assuntos que dizem respeito à realidade comum, apesar de o texto estar no plano fictício.

No entanto, a maioria dos professores ainda é reticente a tantas mudanças, podendo ser tal comportamento explicado pela própria formação que recebeu na escola e durante o curso superior, tendo arraigadas as velhas práticas de sala de aula, pela falta de tempo, por trabalhar mais de um expediente, para buscar metodologias mais produtivas, dentre outras razões.

Ao pensar em soluções, percebemos que elas são muito mais políticas e institucionais do que de outra natureza. Cabe a todas as esferas solucionar tais problemas e deve-se ter em mente que o professor também está incluso nessa parcela de pessoas e de entidades que precisam solucionar as questões levantadas e propiciar uma escola com melhor qualidade, em todos os aspectos. Na realidade, o educador é a peça-chave, é o ponto de partida, pois é com ele o maior contato dos alunos. Uma aula é determinante para fazer com que um aluno desista de ir à escola, para que abandone, de uma vez por todas, seu futuro.

Por isso, é necessário que todos os educadores tenham consciência da responsabilidade de educar com seriedade, com motivação, procurando driblar os problemas e colocar soluções à disposição, cativando e chamando os alunos para a sala de aula.

Não há dúvida de que, nos anos iniciais da escola, o professor é o exemplo para os alunos, o modelo de pessoa que eles se basearão na execução de atividades, na prática de valores. Muitas vezes, é o professor quem supre a carência das crianças, quanto a sua própria família. Há muitos relatos de docentes afirmando que as crianças os chamam de “mãe”, de “pai”, do famoso “tia”, dentre outras formas carinhosas.

Sabendo disso, se o educador apresenta textos aos alunos e os lê, demonstrando toda a interpretação possível, através da voz, de gestos, de figurino, os alunos dificilmente não gostarão daquele texto. Além disso, se esses mesmos textos tiverem uma carga reflexiva para a vida cotidiana daquelas crianças, o benefício será ainda maior.

O educador deverá ser aquele capaz de criar na criança a expectativa de que tudo aquilo que está escrito deve ter um significado e que ler é uma atividade de descobrir e de compreender sentidos do texto, associando à sua vida.

O professor é crucial na procura e no desenvolvimento de ferramentas, a fim de restabelecer o elo entre aluno e escola e entre aluno e valores, considerando ser o docente o mediador na relação ensino-aprendizagem.

Não há mais dúvida de que, quando a literatura está presente na sala de aula, desde a fase escolar inicial, os alunos têm a oportunidade de ter contato com textos ricos, de diferentes gêneros, seja a fábula, seja o conto, seja a poesia. São textos que darão aos alunos subsídios para aprender a língua materna, assim como os elementos imprescindíveis para uma educação de qualidade, pessoal e profissionalmente falando, como a ética, a cidadania, o respeito, a solidariedade, dentre outros.

Para que isto ocorra, é necessário que a família, juntamente com a escola, caminhe de mãos dadas, no sentido de dar maior ênfase às questões que envolvam ética, respeito e cidadania.

Precisamos acordar para a realidade que está às nossas vistas: se nada for feito, nossas crianças e jovens serão adultos bitolados, frustrados, finitos e o pior: sem as rédeas de suas próprias vidas, já que, na escola, preocuparam-se muito mais com regras gramaticais do que tiveram acesso à excelentes histórias, de acordo com cada faixa etária.

No item seguinte, verificaremos algumas afirmações acerca da Literatura e da Literatura Infantil.

2.1 A Literatura e a Literatura Infantil

A palavra “literatura” possui vários conceitos, desde os mais denotativos, até os mais subjetivos. Para Ferreira (2000), o vocábulo quer dizer: “[...] sf. **1.** Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. **2.** O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época.” (FERREIRA, 2000, p. 429) (**grifo do autor**).

Já para Candido (2012), trata-se de

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2012, p. 174).

O autor supracitado ainda afirma que “[...] Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 2012, p. 174)

Para ele, a literatura ocupa duas funções: a de “instrução e educação” (CANDIDO, 2012, p. 175). Hoje, ela pode ser utilizada como uma fonte de sentimento, de acordo com os estilos literários, e como conhecimento, através da implementação da disciplina nas escolas.

Lajolo (1990) vai mais além, afirmando que

é a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. (LAJOLO, 1990, p. 43)

Ouvir ou ler histórias é entrar em um mundo encantador, cheio de mistérios e de surpresas interessantes, algo curioso, que diverte e que ensina. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a Literatura que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor. É na exploração da fantasia e da imaginação que se instiga a criatividade e se fortalece a interação entre texto e leitor. Corrobora essas palavras Abramovich (1994):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1994, p.16)

Na interação da criança com a Literatura, está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. Ainda Abramovich (1994) nos fala sobre:

Querer saber de todo o processo que acontece do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade da criança, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular... Saber sobre seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação (fácil ou dificultosa) com os outros faz parte do se perguntar sobre si mesma e do precisar encontrar respostas... Querer discutir relações familiares fáceis/ difíceis/ conflituadas/ dispersivas/ gregárias/ simpaticonas etc., e até a nova estruturação das famílias – nestas décadas onde há tantos casamentos desfeitos e refeitos – faz parte do repertório indagativo e questionador de toda pessoa. (ABRAMOVICH, 1994, p. 98)

A intensificação dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão mais abrangente do contexto. Uma obra literária é aquela que mostra a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Para Lajolo e Zilberman (2007), os benefícios da história são:

A história forma o gosto pela leitura de livros [...]; [...] recreia canalizando a imaginação infantil [...]; [...] distrai e descarrega tensões, alivia sobrecargas emocionais e auxilia [...] o ouvinte a resolver conflitos emocionais próprios [...]; [...] instrui enriquecendo o vocabulário infantil [...]; [...] desenvolve a linguagem e o pensamento [...]; [...] educa e estimula o desenvolvimento da atenção, imaginação, observação, memória, reflexão e linguagem. A história cria hábitos sociais [...]. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 202-203)

Percebemos como o ato de contar histórias é rico; traz aos alunos habilidades e competências das mais variadas. A criança que, desde muito cedo, entra em contato com a obra literária escrita terá uma compreensão maior de si e do outro. Terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca.

Poucas crianças têm o hábito de ler em nosso país. A maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola. E, a partir daí, vira obrigação, pois, infelizmente, muitos de nossos professores não gostam de trabalhar com a literatura infantil e, talvez, desconheçam técnicas que ajudem a "dar vida às histórias" e que, conseqüentemente, produzam conhecimentos.

Muitos profissionais não levam em conta o gosto e a faixa etária em que a criança se encontra, escolhendo livros didáticos que estão além das possibilidades de compreensão dos alunos em termos de linguagem.

Experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diversos textos trabalhados, de tal forma que possibilite o entendimento do mundo em que vive e que construa, aos poucos, seu próprio conhecimento. Segundo Bettelheim (1996):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam [...]. (BETTELHEIM, 1996, p. 13)

Ao trazer a Literatura Infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições para que a criança trabalhe com o enredo a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo

atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retrate alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história. De acordo com Abramovich (1995):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... E, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17)

Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo, assim, situações da realidade.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Para desenvolver o trabalho com os contos de Hans Christian Andersen – *O Menino Malvado*, *O Patinho Feio*, *A Vendedora de Fósforos* e *A Roupa Nova do Imperador* –, foram realizados quatro encontros no ano letivo de 2014, sendo um encontro para cada conto, a fim de discutir com a turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública pessoense os enredos das narrativas, bem como a maneira como os textos eram escritos.

Utilizamos o questionário como forma de mediar as discussões realizadas em sala de aula. Recorremos, tanto à oralidade, quanto à escrita, à medida que a atividade proposta encaminhava a discussão. Os encontros ocorreram no turno da manhã, das 8h às 9h30, durante três semanas. A turma era composta de 28 alunos, quase todos pertencentes à comunidades carentes locais.

A metodologia estabelecida foi a seguinte: leitura do conto proposto para a aula; discussão acerca do entendimento dos alunos quanto à mensagem e à estrutura da língua;

discussão acerca dos temas transversais, partindo do próprio conto; atividades de reiteração do que foi abordado.

A seguir, observemos a sequência didática utilizada nos quatro encontros.

Tabela 1: Sequência Didática utilizada para trabalhar os contos de Hans Christian Andersen em sala de aula.

PROJETO “LITERATURA EM SALA DE AULA”: CONTOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN	
MÓDULOS DIDÁTICOS	SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
CONTO 1: <i>O Menino Malvado</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Conversa inicial com os alunos, a fim de sondar se eles conheciam o autor trabalhado ou algum texto dele; - Leitura do conto em voz alta; - Discussão oral acerca da leitura do conto: <ol style="list-style-type: none"> 1. O velho era bom? Como sabemos disso? 2. Hoje, abrimos a porta para pessoas desconhecidas? 3. Devemos agir assim? Por quê? 4. O que o velho deu para o menino comer e beber? 5. Foi uma atitude correta? Por quê? 6. Por que o Cupido acertou o velho poeta? Ele quis matá-lo ou fazer um bem? 7. Nos nossos dias, costumamos tratar mal quem nos faz o bem? Isso é correto? Por quê? 8. O Cupido é realmente mau? 9. O Cupido é somente o anjo com arco e flecha ou também pode ser qualquer pessoa? 10. A linguagem do texto estava fácil? 11. Como o autor organizou a história? - Entrega do questionário pelos autores aos alunos para que eles fizessem uma entrevista com os pais ou com algum casal conhecido em casa: <ol style="list-style-type: none"> 1. Onde vocês se conheceram? 2. Como foi? 3. Há quanto tempo isso aconteceu? 4. Quem foi o Cupido de vocês? 5. Vocês acham o Cupido mau? Por quê? - Esta atividade durou uma hora e meia.
CONTO 2: <i>O Patinho Feio</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Antes de iniciar a aula, os autores pediram para que os alunos lessem ou contassem como foi o momento da entrevista, recolhendo-as depois para realizar a correção; - Leitura do conto em voz alta; - Após a leitura, os alunos debateram sobre algumas perguntas: <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é <i>bullying</i>? 2. O que é beleza? 3. O que é preconceito? 4. Somos todos iguais? 5. Pessoas com necessidades especiais são feias, estranhas ou apenas diferentes? 6. A linguagem do texto foi fácil? 7. O que podemos concluir a partir de sua estrutura textual? - Após a discussão a partir do texto, os alunos assistiram ao vídeo baseado no conto e, depois, fizeram comparações entre o texto e o vídeo oralmente. - Como atividade de casa, foi pedido que cada aluno trouxesse uma foto sua, independentemente da idade, no próximo encontro do projeto, além de ter sido

	<p>passado um exercício a partir da leitura do conto. O texto lido foi entregue a cada aluno, a fim de que eles lessem para a família e para ajudá-los, caso tivessem a necessidade de ler novamente:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A atitude das vizinhas de falar mal do patinho foi ética? Por quê? 2. Como você reagiria se alguém desprezasse ou zombasse de você? 3. Você se sente desprezado por alguém? De que maneira? 4. Que atitude se deve tomar ao ver uma pessoa sendo discriminada ou zombada? 5. O que você faria para diminuir o sofrimento do patinho feio? 6. Só devemos amar e dar atenção às pessoas bonitas? 7. O que é ser uma pessoa feia ou bonita? <p>- Esta atividade durou uma hora e meia.</p>
<p>CONTO 3: <i>A Vendedora de Fósforos</i></p>	<p>- Antes de iniciar a aula, a autora recolheu os questionários feitos em casa e pediu para que os alunos comentassem como havia sido a atividade: se fizeram o questionário sozinhos, se leram a história para alguém de casa ou a algum colega etc.;</p> <p>- Após isso, recolheu todas as fotos e as colocou em um mural, que ficou exposto durante todo o encontro até o próximo, que seria o último;</p> <p>- Leitura do conto em voz alta (dessa vez, a autora pôs uma música instrumental de fundo para prepará-los, devido ao teor do enredo deste conto);</p> <p>- Discussão coletiva sobre o conto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Você conhece alguma criança que tenha uma vida parecida com a da menina? 2. Alguma vez você já trabalhou? 3. O Trabalho Infantil é algo correto? Por quê? 4. Devemos ajudar crianças que pedem nas ruas? Por quê? <p>- Após a discussão a partir do texto, os alunos assistiram ao vídeo baseado no conto e, depois, fizeram comparações entre o texto e o vídeo oralmente.</p> <p>- Após todas as discussões, cada aluno criou um desenho que, para eles, representava o conto lido e o vídeo assistido.</p> <p>- Como atividade de casa, foi pedido que, no último dia do projeto, cada um viesse com a sua melhor roupa, aquela que mais gostasse, pois haveria uma atividade sobre isso.</p> <p>- Esta atividade durou uma hora e meia.</p>
<p>CONTO 4: <i>A Roupa Nova do Imperador</i></p>	<p>- Todos os alunos estavam de roupa, cada um do seu jeito;</p> <p>- Leitura do conto em voz alta;</p> <p>- Discussão coletiva sobre o conto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a mensagem da história para a nossa vida? 2. O que mais importa nas pessoas? O exterior ou o interior delas? 3. Como devemos usar nosso dinheiro? <p>- Após a discussão a partir do texto, os alunos assistiram ao vídeo baseado no conto e, depois, fizeram comparações entre o texto e o vídeo oralmente;</p> <p>- Após a discussão, houve uma retomada de tudo o que foi exposto, desde o primeiro, até o último encontro; todos tiveram a oportunidade de falar o que quisesse;</p> <p>- Após esse momento, foi feita uma festa surpresa para a turma, com bolo e salgadinhos. Esse momento fechou o encontro.</p> <p>- Esta atividade durou duas horas.</p>

Fonte: Criação dos Autores.

Diante das informações presentes na tabela acima, partamos para a análise e a discussão dos trabalhos.

✓ **Conto 1 (*O Menino Malvado*):** As crianças ficaram muito entusiasmadas com a atividade e gostaram de saber um pouco de como os pais delas se conheceram. Trabalhamos a segurança, a confiança, o amor, o alcoolismo, o cuidado, o respeito, dentre outros aspectos.

✓ **Conto 2 (*O Patinho Feio*):** As crianças se emocionaram ao ver a exclusão do patinho e ao saber que ele foi acolhido por uma família. Trabalhamos as diferenças existentes na sociedade e como devemos respeitá-las e valorizar nossa maneira de ser, além da ética.

✓ **Conto 3 (*A Vendedora de Fósforos*):** As crianças se emocionaram bastante ao ver o sofrimento da criança e quiseram ajudá-la. Discutimos sobre o trabalho infantil, o individualismo das pessoas, a importância dos sonhos, o amor em família etc.

✓ **Conto 4 (*A Roupas Nova do Imperador*):** As crianças compreenderam a necessidade de se comprar apenas o que se precisa. Trabalhamos o consumismo, a super-valorização da imagem, a mentira, dentre outros elementos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos a problemática que os docentes atuais estão enfrentando em sala de aula, no que tange o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. Relatamos a importância da leitura e da escrita, da presença dos gêneros literários e discursivos na escola como ferramenta imprescindível para se trabalhar a língua materna, cativando ainda mais nossos alunos e fazendo das aulas mais dinâmicas e contextualizadas.

Entretanto, sabemos que ainda há muitos professores reticentes no que diz respeito às inovações no ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, sobretudo. Pelos manuais não trazerem textos literários, os professores acreditam que não devam buscar outras fontes para trabalhar textos diversos em sala de aula com as crianças.

Não são novidade os problemas que as escolas enfrentam para terem alunos nas salas de aula e para que o ensino seja de qualidade: falta de investimentos substanciais na Educação, ausência de Formação Continuada efetiva, melhorias salariais, trabalho infantil, drogas e seu tráfico, desestrutura familiar, desestímulo, falta de condições financeiras das famílias, dentre outros. Trata-se de problemas sociais, culturais e econômicos que alteram direta e tristemente o caminhar das escolas brasileiras.

Neste prisma, o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura deve ser pensado por todos nós, professores, alunos, famílias e comunidade em geral. O envolvimento da família é fundamental para combater comportamentos, como a intolerância às diferenças, a falta de solidariedade com o próximo e a insensibilidade às injustiças sociais.

Com maior ênfase, refletimos acerca desse contexto, falamos na importância da leitura, do papel do educador, de alguns documentos oficiais nacionais que norteiam o ensino de língua materna, o conceito de Literatura e algumas características da Literatura Infantil.

Verificamos se os contos do autor gerariam aprendizados diversos nos alunos, não só no que tange a língua, em sua forma e estrutura, mas com relação ao conteúdo, abordando o tema transversal *Ética*. Nossos resultados constataram que os alunos compreenderam a temática, aprenderam em muitos aspectos.

A experiência foi válida e enriquecedora, não só para os alunos, mas para a docente titular da turma e para os autores da pesquisa, já que foi concluído que a obra de Andersen é uma relevante ferramenta para ser utilizada na escola como forma de fazer os discentes refletirem e praticarem os princípios da cidadania e se percebeu que as crianças atingiram os objetivos pretendidos neste trabalho, além de terem externado comportamentos pessoais positivos para com o outro a partir das descobertas obtidas.

Em suma, o trabalho desenvolvido nas escolas não deixou dúvidas: assim como apregoam os estudiosos e o Ministério da Educação, o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura voltado ao trabalho com textos amplia o conhecimento dos alunos, associa conteúdos, desenvolve a percepção, a sensibilidade, forma-os enquanto pessoas e futuros profissionais.

Este trabalho teve o propósito de trazer apenas uma amostragem, não exaurindo o tema, que é bastante rico e de extrema relevância.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995, p. 16, 17, 98.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 13, 20.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 30.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** lei nº 9394/96. Brasília: 1996, p. 22.

_____. Ministério da Educação. **PNE.** Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 27 de julho de 2014.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In.: **Vários Escritos.** Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2012, p. 174-175.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** o minidicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 429.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura.** 12. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1990, p. 43.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira:** história e histórias. São Paulo: Ática, 2007, p. 202-203.

LOBATO, Monteiro. **Novos Contos de Andersen.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida. Texto e contexto. In.: VIEIRA, Silvia Rodrigues. BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática:** descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 239.